

A princesa quase brilhante, de Maria Edgeworth

Tradução e apresentação de Davi Silva Gonçalves¹
Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

Willian dos Santos²
Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

Maria Edgeworth é considerada uma das mais prolíficas escritoras irlandesas naquilo que concerne a literatura infantil. Ela nasceu em 1768 em Black Bourton, Inglaterra, e faleceu em 1849 na propriedade do seu pai, Edgeworthstown, na Irlanda. A autora é a segunda filha de Richard Edgeworth, o qual teve um total de vinte e dois filhos. Durante a maior parte de sua infância vive com sua mãe, Anna Maria Edgeworth. Quando tinha quatorze anos, Maria quase perde a visão, fato que, naquele momento, a motiva a manter-se por tempo indeterminado sob os cuidados de seu pai, tendo Anna falecido alguns anos antes disso. Maria foi muito conhecida pelas histórias infantis e pelos romances que escreveu sobre a vida irlandesa. Seus primeiros romances chamam-se *Castle Rackrent* (1800) e *Belinda* (1801). Seu conto mais famoso, e que propomos traduzir aqui, chama-se *The Purple Jar*, publicado originalmente em 1796 – portanto em domínio público – numa coleção chamada *The Parent's Assistant*.

Resumidamente, a narrativa contempla o clientelismo infantil, em um momento histórico no qual ele representava uma parcela relativamente pequena daquilo que identificamos nas relações familiares da contemporaneidade. Trata-se da história de Rosamond, uma menina de sete anos que passeia com sua mãe pelas ruas de Londres. Encantada com tudo o que vê nas prateleiras das lojas londrinas, a mãe negocia com ela uma única aquisição para aquele mês. Rosamond fica em dúvida entre uma jarra púrpura ou um novo par de sapatos – o primeiro, por ser bonito, e o segundo por ser necessário, já que seus sapatos estavam furados. Após muita reflexão, Rosamond opta pela jarra; porém se arrepende e admite que, dali em diante, tentaria ser mais responsável acerca de suas escolhas futuras. Nossa proposta de tradução fez parte de uma pesquisa de conclusão de curso, já defendida, que partia da adaptação do conto

¹ Doutor em Letras pela UFSC e professor da Unicentro/ Irati. E-mail: gdavi1210@gmail.com.

² Acadêmico em Letras Inglês na UNICENTRO/Irati. E-mail: williandossantos1993@hotmail.com.

para o público infanto-juvenil brasileiro com o objetivo de estabelecer um paralelo entre a crítica literária marxista, a literatura infanto-juvenil e os estudos da tradução. Para este fim, enfocamos principalmente na dialética do valor de uso e valor de troca – aspecto que demonstra ser crucial para o desenvolvimento da narrativa.

Apesar de ter sido escrito há mais de duzentos anos, essa narrativa não havia sido traduzida para o português brasileiro até o ano de 2019. “A jarra púrpura”, conforme tradução proposta por Cristiane Bezerra do Nascimento e Natália Elisa Lorensetti Pastore foi publicada no volume 9 (n. 2) da revista *Qorpus* exatamente no período em que nosso projeto também vinha sendo colocado em prática. Após acessarmos essa edição da revista, pudemos perceber que essa coincidência não invalidaria o nosso interesse em também publicar a nossa versão do conto. Primeiramente, segundo as tradutoras supracitadas, “o projeto tradutório levou em consideração como público alvo pretendido, estudantes de graduação da área de Letras que buscam conhecer mais sobre a literatura da Irlanda escrita por mulheres” (NASCIMENTO; PASTORE, 2019, p. 45). Nossa tradução, por outro lado, fez parte de uma pesquisa de conclusão de curso a qual teve sua gênese durante a disciplina de literatura infanto-juvenil em língua inglesa, ministrada em 2018. Como avaliação parcial da disciplina, os alunos deveriam propor traduções de contos infanto-juvenis buscando contemplar leitores brasileiros da mesma faixa etária: ou seja, algo que destoava um pouco da proposta já encabeçada pelas tradutoras – as quais visam um público mais especializado e objetivam trazer um pouco mais do contexto irlandês em seu projeto. Ainda que reconheçamos a relevância do contexto de partida, não foi ele que buscamos privilegiar em nossa tradução – muito pelo contrário.

Ademais, Cristiane e Natália também argumentam que “levando em conta as características da época em que o conto foi escrito, optamos por um registro de linguagem que pode remeter o leitor a língua portuguesa falada no século XVIII” (2019, p. 45). Isto é, não só o espaço irlandês parece ter sido privilegiado pela tradução de Cristiane e Natália, como também a lacuna temporal que separa os leitores brasileiros dos leitores “originais” de Edgeworth. Novamente, nosso projeto caminha em uma direção consideravelmente distinta, adaptando a linguagem, as referências e até mesmo alterando elementos significativos do texto original – inclusive o próprio elemento central: a jarra púrpura. Tendo lido o texto traduzido por Cristiane e Natália, podemos constatar que, de fato, existe “muito mais” da estrutura do texto de partida na proposta delas do que podemos encontrar na nossa, para a qual o efeito representou papel

significativamente mais central. Assim, percebemos o quanto é interessante evidenciar como um mesmo texto pode ser traduzido de maneiras as mais variadas, e conforme concepções de tradução também muito diferentes. Enquanto simplificamos a linguagem e recriamos a história de Rosamond (a nossa Elisa) com desprendimento, apenas no intuito de trazê-la para o público infante-juvenil brasileiro da contemporaneidade (com o impacto por nós desejado), reconhecemos a importância do projeto encabeçado pelas tradutoras que nos antecedem. Nisso, defendemos a inexistência de uma maneira ideal de se traduzir – o que existem são possibilidades, e, nesse caso específico, vimos que podemos seguir muitas possibilidades diferentes, sem que nenhuma delas seja invalidada no processo. Portanto, desejamos a todos uma boa leitura e esperamos não só que ambas as traduções cumpram os seus objetivos, mas também, quem sabe, que futuramente algum pesquisador se interesse em levar adiante uma análise comparativa entre as duas propostas.

A princesa quase brilhante

Elisa, uma menina de dez anos de idade, caminhava com a mãe pelas ruas de São Paulo. Enquanto passeavam, ela olhou para as vitrines de várias lojas e viu uma grande variedade de coisas diferentes, das quais ela não sabia pra que serviam, nem os nomes. Ela queria parar para olhá-los; mas havia um grande número de pessoas nas ruas e muita agitação de camelôs com seus carrinhos e pessoas estranhas, e ela teve medo de se perder ao soltar a mão de sua mãe.

“Oh! mãe, eu ficaria muito feliz”, disse Elisa, ao passar por uma loja de brinquedos, “se eu tivesse todas essas coisas bonitas!”

“O que? Tudo? Você deseja todas essas coisas, Elisa?”

“Sim, mãe, todas.”

Enquanto ela falava, elas chegaram a uma loja de acessórios de roupas; nas janelas estavam dependuradas fitas, rendas e enfeites de flores artificiais.

“Olha só! mãe, que lindas rosas! Você não vai comprar nenhuma?”

“Não, filha,” Disse a mãe.

“Por quê?”

“Porque eu não as quero, minha querida.”

Elas foram um pouco mais longe e chegaram à outra loja, que chamou a atenção de Elisa. Era uma joalheria; e havia muitos enfeites bonitos guardados em gavetas atrás do vidro.

“Mãe, você poderia comprar alguns desses?”

“Qual deles, Elisa?”

“Qual? Eu não sei qual; mas qualquer um deles, porque são todos bonitos.”

“Sim, eles são todos bonitos; mas qual a utilidade deles para mim?”

“Eu não sei! Só para comprá-los! Ah, eu tenho certeza que você poderia encontrar algum uso, se você os comprasse primeiro.”

“Mas eu preferiria descobrir para que eu iria ocupá-los primeiro.”

Elisa lamentou muito que a mãe não quisesse nada. No entanto, chegaram a uma loja que parecia muito mais bonita que as outras. Era a loja das princesas.

“Oh mãe! Oh!” exclamou a menina, puxando a mão de sua mãe. “Veja! Veja! Quanta coisa rosa, roxa, brilhante! Olha só, mamãe, aquelas luminárias com o formato de princesas! Que lindas! Você não vai comprar algum desses?”

Ainda assim sua mãe respondeu como antes: “Que utilidade elas teriam para mim, Elisa?”

“Você pode iluminar o quarto, ter sempre uma princesa brilhando pra olhar, olha como elas são bonitas! Eu gostaria de ter uma dessas.”

“Você já tem um abajur no seu quarto”, disse a mãe de Elisa.

“Mas não é a mesma coisa! Além de iluminar a princesa é tipo um brinquedo, dá pra gente se distrair um pouco, ficar olhando pra ela, mamãe, você sabe.”

“Talvez se você fosse vê-las mais perto, se você fosse examiná-las, você ficaria desapontada.”

“Não mesmo; Tenho certeza que não ficaria. Eu gostaria muito de ter um.”

Elisa manteve a cabeça virada e os olhos arregalados, olhando as princesas que brilhavam em um canto da loja, até que a luz incomodou demais os seus olhos e ela teve que piscar.

“Então, mãe”, disse ela, depois de uma pausa, “talvez você não tenha dinheiro”.

“Sim, eu tenho.”

“Puxa vida! Se eu tivesse dinheiro, compraria aquela princesa que é só o rosto, aquela que está fazendo uma pose, aquela que fica rosa quando acende, aquela que fica roxa e...” Elisa foi obrigada a fazer uma pausa no meio do discurso.

“Mãe, você pararia por um minuto só? Eu estou com uma pedra no meu tênis; isso me dói muito.”

“Como é que tem uma pedra no seu tênis?”

“Por causa desse grande rasgo, mãe – a pedra entrou por aqui: meus tênis estão bem gastos; Eu gostaria que você fosse boazinha e me desse outro par novo.”

“Não, Elisa, Eu não tenho dinheiro suficiente para comprar tênis, princesas, flores, brinquedos, eletrônicos, e todas essas coisas inúteis que você deseja ter.”

Elisa achou que era uma pena. Mas agora o pé dela, que havia sido ferido pela pedra, começou a lhe causar tanta dor que ela foi obrigada a ficar pulando enquanto caminhava, e não conseguia pensar em mais nada. Eles, então, chegaram a uma loja de calçados logo em seguida.

“Lá! lá! mamãe, tem alguns tênis lá – há pequenos tênis que me serviriam; e você sabe que os tênis seriam realmente úteis para mim.”

“Sim, eles seriam Elisa. Então entre.”

Ela seguiu sua mãe ao entrarem na loja.

O Senhor Carlos, o vendedor, tinha muitos clientes e sua loja estava lotada, então eles foram obrigados a esperar.

“Bem, Elisa”, disse a mãe, “você não acha esta loja tão bonita quanto as outras?”

“Não, não mesmo; é feia e escura, e não há nada além de calçados por todo lado; e além disso, há um cheiro muito desagradável.”

“Esse cheiro é o cheiro de couro novo, filha.”

“É mesmo? Oh!” - disse Elisa, olhando em volta – “há um par de tênis pequeno; eles vão me servir, tenho certeza”.

“Talvez eles sirvam, mas você não pode ter certeza até que você os tenha experimentado. Os tênis são iguais a princesa, Elisa, se você não os examiná-los bem, você não saberá se realmente serão do seu gosto”.

“Mãe, eu não sei muito sobre os tênis, mas, tenho certeza que eu gostei mais da luminária princesa.”

“Bem, o que você preferiria ter, aquela luminária ou um par de tênis? Eu vou comprar apenas um deles para você, então pense bem.”

“Obrigada mãezinha – mas você poderia comprar as duas coisas?”

“Não, não os dois, só um.”

“Então eu quero a princesa, aquela cor-de-rosa”

“Mas digo que não lhe darei outro par de tênis este mês. Entendeu?”

“Este mês! Isso é tempo demais. Você não pode imaginar como esse tênis me machuca. Eu acredito que é melhor eu ter os tênis novos. Mas, aquela princesa... Bem, pensando melhor, mamãe, esses tênis não estão muito, muito ruins; Acho que posso usá-los um pouco mais; e o mês terminará em breve: posso fazê-los durar até o final do mês, não posso? Você não acha, mãe?”

“Não, Elisa, eu quero que você pense sozinha: você terá tempo suficiente para pensar sobre isso enquanto eu falo com o Senhor Carlos sobre minhas botas.”

O Senhor Carlos estava na hora do descanso; e enquanto a mãe falava com ele, Elisa ficou em profunda meditação, com um tênis vestido no pé e o outro, o estragado, na mão.

“Bem, minha querida, você já se decidiu?”

“Mamãe! Sim, eu acho. Pois, eu gostaria da luminária princesa; isto é, se você não achar que sou boba.”

“Então Elisa, quanto a isso, não posso prometer a você. Mas quando você ter que se decidir sozinha, você deverá escolher o que lhe fará mais feliz; e isso não significa que eu ache você boba”.

“Então, mamãe, se é assim, eu tenho certeza que a luminária princesa brilhante me deixará mais feliz”, disse ela, colocando o tênis velho novamente; “Então eu escolho a princesa mesmo.”

“Muito bem, você o terá: amarre seu tênis e vamos para casa.”

Elisa amarrou o tênis e correu atrás da sua mãe: não demorou muito para que o tênis escorregasse do calcanhar, e muitas vezes era obrigada a parar, tirar as pedras de dentro do tênis e também por diversas vezes era obrigada a pular com dor no pé; mas ainda prevaleciam os pensamentos dela sobre a princesa brilhante, e ela persistiu em sua escolha.

Quando chegaram em casa, Elisa sentiu sua alegria redobrar, ao ouvir de sua mãe pedindo para que o tio da menina, voltasse a tal loja e comprasse a luminária de princesa que a menina tanto queria. Assim que seu tio saiu, Elisa correu até o quarto para buscar o seu velho abajur e dar um novo destino a ele, colocando-o no quarto de visitas da casa.

“Eu não sei se esse abajur fica bem aí, Elisa”, disse a mãe para a menina.

“Fica sim, mamãe, e vai ser bom pra quando alguém que vier aqui quiser ler alguma coisa, pode ter certeza; afinal, eu precisava dar um jeito de tirar ele do quarto senão não tem sentido ligar a luminária princesa, que vai ficar com seu brilho todo

ofuscado. Agora ela vai poder iluminar o meu quarto e ele vai ficar completamente cor-de-rosa! Não vai, mamãe?”

“Eu espero que sim, minha querida.”

O tio demorou a retornar para a casa, mais do que Elisa esperava; mas finalmente chegou e trouxe consigo a luminária tão desejada. No momento em que ela foi entregue a menina, Elisa reagiu com muita alegria.

“Eu posso acendê-la agora, mamãe?”

“Sim, minha querida, claro que pode!”

Elisa tirou a luminária da caixa e levou para o seu quarto. Então teve a ideia de fechar as cortinas, para ficar no escuro, e acender a luminária para ver todas as paredes e o teto se tornarem completamente cor-de-rosa com o brilho da princesa. Imaginem seu espanto quando, ao apagar as luzes, ela percebeu que a iluminação era quase nenhuma. A única coisa que ficou rosa e brilhante foi a própria luminária, mas Elisa não conseguia enxergar quase nada além dela. Com muito trabalho, e tropeçando nos restos da embalagem da luminária, ela correu para acender a luz, e quando o fez pode perceber que o brilho da luminária era muito mais fraco do que ela imaginava.

“Oh, querida mãe!”, Exclamou ela, assim que saiu do quarto, “essa princesa é uma enganação!” ela gritou, “o brilho dela nem se compara ao do meu antigo abajur... não dá pra enxergar praticamente nada quando está escuro e eu acendo ela, as paredes não ficaram cor-de-rosa e...” Elisa começou a chorar “o que pode ser mamãe? Eu não entendi o que aconteceu.”

A mãe de Elisa explicou: “Na loja de princesas havia muita iluminação, Elisa, e, além de todas as luminárias estarem acesas, tudo era pintado de rosa, roxo e outras cores. Tudo estava brilhando, não era a sua luminária que estava fazendo aquilo.”

“Mas o que devo fazer com isso agora, mamãe?”

“Isso eu não posso dizer.”

“Mas não será útil para mim.”

“Eu não posso te ajudar com isso Elisa.”

“Mas preciso que ela seja mais brilhante...”

“Tente o que você quiser, minha querida.”

“E se a gente for na maior loja de construção do mundo e você comprar a lâmpada mais potente que existe? Você faria isso, mamãe?”

“Isso é mais do que eu prometi a você, minha querida.”

Elisa se deu conta de que a luminária era completamente inútil. Ela já tinha um abajur que iluminava muito bem o quarto quando as luzes estavam apagadas, e aquela princesa brilhante não tinha nada de brilhante. Sua cor bonita mal se podia ver, e ela assim apagada em cima da estante não parecia ter graça nenhuma.

A pequena Elisa começou a chorar ainda mais.

“Por que você está chorando, minha querida?”, Perguntou a mãe.

“Isso não serve mais para nada. Tenho certeza de que, se soubesse que não seria feliz com ela, não o teria desejado tanto.

“Mas eu não lhe disse que você deveria ter pensado melhor sobre suas escolhas e necessidades antes de desejá-lo tanto e que, talvez, você ficaria desapontada?”

“E então eu estou realmente desapontada. Eu gostaria de ter acreditado em você antes. Agora eu preferia ter os tênis, pois não poderei andar por todo este mês com aquele tênis velho: até mesmo andar dentro de casa dessa maneira me machuca muito. Mamãe, eu vou te devolver a luminária, espero que você esteja disposta a aceitar trocá-la pelo tênis.”

“Não, Elisa, essas são as consequências de sua própria escolha, pois, você que a quis; e agora a melhor coisa que você pode fazer é aceitar isso com bom humor, sem chorar.”

“Vou aceitar, mas não gostei da escolha que fiz, mamãe” – disse Elisa, enxugando os olhos. Com tristeza, ela trouxe de volta para o seu quarto seu antigo abajur, e colocou a princesa, praticamente intocada, no quarto de visitas para ser esquecida.

Mas a decepção de Elisa não terminou aqui: muitas foram as dificuldades e aflições em que sua escolha imprudente a trouxe antes do final do mês. Todos os dias seus tênis iam ficando cada vez pior, até que finalmente ela não conseguia mais correr, dançar, pular nem mesmo andar neles. Toda vez que Elisa era chamada para sair, ela tinha que lidar com aqueles tênis velhos e estragados, o que a incomodava bastante. Sempre que a mãe saía para passear, não podia levar Elisa com ela, porque Elisa não tinha solas nos tênis; e finalmente, no último dia do mês, o pai dela propôs levar ela e seu irmão para um parque local que ela desejava há muito tempo ir. Ela estava muito feliz; mas, quando estava completamente pronta, vestia o chapéu e descia apressadamente as escadas até o irmão e o pai, que esperavam na porta do corredor por ela, o tênis saiu de seu pé; ela o colocou novamente com muita pressa; mas, enquanto atravessava o corredor, o pai virou-se para ela e disse: “Por que você está andando desse

jeito, menina? Ninguém deve andar desse jeito desleixado comigo.” Seu pai continuou “Ora, Elisa” - disse ele, olhando para os tênis dela com desgosto -, “achei que você já estivesse arrumada. Deve ficar em casa, eu não posso te levar comigo.”

Elisa ficou vermelha e triste. “Oh, mamãe”, disse ela, enquanto tirava o chapéu, “como eu gostaria de ter escolhido os tênis! Eles teriam sido muito mais úteis para mim do que aquela princesa: no entanto, prometo que eu serei mais esperta da próxima vez.”

The Purple Jar

Rosamond, a little girl of about seven years old, was walking with her mother in the streets of London. As she passed along, she looked in at the windows of several shops, and she saw a great variety of different sorts of things, of which she did not know the use, or even the names. She wished to stop to look at them; but there was a great number of people in the streets, and a great many carts and carriages and wheelbarrows, and she was afraid to let go her mother’s hand.

“Oh! mother, how happy I should be,” said she, as she passed a toy-shop, “if I had all these pretty things!”

“What, all! Do you wish for them all, Rosamond?”

“Yes, mamma, all.”

As she spoke, they came to a milliner’s shop; the windows were hung with ribbons, and lace, and festoons of artificial flowers.

“Oh! mamma, what beautiful roses! Won’t you buy some of them?”

“No, my dear.”

“Why?”

“Because I don’t want them, my dear.”

They went a little farther, and they came to another shop, which caught Rosamond’s eye. It was a jeweler’s shop; and there were a great many pretty baubles, ranged in drawers behind glass.

“Mamma, you’ll buy some of these?”

“Which of them, Rosamond?”

“Which? I don’t know which; but any of them, for they are all pretty.”

“Yes, they are all pretty; but of what use would they be to me?”

“Use! Oh, I’m sure you could find some use or other, if you would only buy them first.”

“But I would rather find out the use first.”

Rosamond was very sorry that her mother wanted nothing. Presently, however, they came to a shop, which appeared to her far more beautiful than the rest. It was a chemist’s shop; but she did not know that.

“Oh, mother! oh!” cried she, pulling her mother’s hand. “Look! Look! Blue, green, red, yellow, and purple! Oh, mamma, what beautiful things! Won’t you buy some of these?”

Still her mother answered as before, “What use would they be to me, Rosamond?”

“You might put flowers in them, mamma, and they would look so pretty on the chimney-piece. I wish I had one of them.”

“You have a flower-vase,” said her mother; “and that is not for flowers.”

“But I could use it for a flower-vase, mamma, you know.”

“Perhaps if you were to see it nearer, if you were to examine it, you might be disappointed.”

“No, indeed; I’m sure I should not. I should like it exceedingly.”

Rosamond kept her head turned to look at the purple vase till she could see it no longer.

“Then, mother,” said she, after a pause, “perhaps you have no money.”

“Yes, I have.”

“Dear me! if I had money, I would buy roses, and boxes, and purple flower-pots, and everything.” Rosamond was obliged to pause in the midst of her speech.

“Oh, mamma, would you stop a minute for me? I have got a stone in my shoe; it hurts me very much.”

“How comes there to be a stone in your shoe?”

“Because of this great hole, mamma – it comes in there: my shoes are quite worn out; I wish you’d be so very good as to give me another pair.”

“Nay, Rosamond, but I have not money enough to buy shoes, and flower-pots, and boxes, and everything.”

Rosamond thought that was a great pity. But now her foot, which had been hurt by the stone, began to give her so much pain that she was obliged to hop every other

step, and she could think of nothing else. They came to a shoemaker's shop soon afterwards.

“There! there! mamma, there are shoes – there are little shoes that would just fit me; and you know shoes would be really of use to me.”

“Yes, so they would, Rosamond. Come in.”

She followed her mother into the shop.

Mr. Sole, the shoemaker, had a great many customers, and his shop was full, so they were obliged to wait.

“Well, Rosamond,” said her mother, “you don't think this shop so pretty as the rest?”

“No, not nearly; it's black and dark, and there are nothing but shoes all round; and besides, there's a very disagreeable smell.”

“That smell is the smell of new leather.”

“Is it? Oh!” said Rosamond, looking round, “there is a pair of little shoes; they'll just fit me, I'm sure.”

“Perhaps they might, but you cannot be sure till you have tried them on, any more than you can be quite sure that you should like the purple vase exceedingly, till you have examined it more attentively.”

“Why, I don't know about the shoes, certainly, till I've tried; but, mamma, I'm quite sure I should like the flower-pot.”

“Well, which would you rather have, that jar, or a pair of shoes? I will buy either for you.”

“Dear mamma, thank you – but if you could buy both?”

“No, not both.”

“Then the jar, if you please.”

“But I should tell you that I shall not give you another pair of shoes this month.”

“This month! That's a very long time indeed. You can't think how these hurt me. I believe I'd better have the new shoes – but yet, that purple flower-pot – Oh, indeed, mamma, these shoes are not so very, very bad; I think I might wear them a little longer; and the month will soon be over: I can make them last to the end of the month, can't I? Don't you think so, mamma?”

“Nay, my dear, I want you to think for yourself: you will have time enough to consider about it whilst I speak to Mr. Sole about my boots.”

Mr. Sole was by this time at leisure; and whilst her mother was speaking to him, Rosamond stood in profound meditation, with one shoe on, and the other in her hand.

“Well, my dear, have you decided?”

“Mamma! – Yes – I believe. If you please – I should like the flower-pot; that is, if you won’t think me very silly, mamma.”

“Why, as to that, I can’t promise you, Rosamond; but when you are to judge for yourself, you should choose what will make you the happiest; and then it would not signify who thought you silly.”

“Then, mamma, if that’s all, I’m sure the flower-pot would make me the happiest,” said she, putting on her old shoe again; “so I choose the flower-pot.”

“Very well, you shall have it: clasp your shoe and come home.”

Rosamond clasped her shoe, and ran after her mother: it was not long before the shoe came down at the heel, and many times was she obliged to stop, to take the stones out of her shoe, and often was she obliged to hop with pain; but still the thoughts of the purple flower-pot prevailed, and she persisted in her choice.

When they came to the shop with the large window, Rosamond felt her joy redouble, upon hearing her mother desire the servant, who was with them, to buy the purple jar, and bring it home. He had other commissions, so he did not return with them. Rosamond, as soon as she got in, ran to gather all her own flowers, which she had in a corner of her mother’s garden.

“I’m afraid they’ll be dead before the flower-pot comes, Rosamond,” said her mother to her, when she was coming in with the flowers in her lap.

“No, indeed, mamma, it will come home very soon, I dare say; and shan’t I be very happy putting them into the purple flower-pot?”

“I hope so, my dear.”

The servant was much longer returning home than Rosamond had expected; but at length he came, and brought with him the long-wished-for jar. The moment it was set down upon the table, Rosamond ran up with an exclamation of joy.

“I may have it now, mamma?”

“Yes, my dear, it is yours.”

Rosamond poured the flowers from her lap upon the carpet, and seized the purple flower-pot. “Oh, dear mother!” cried she, as soon as she had taken off the top, “but there’s something dark in it —it smells very disagreeable: what is in it? I didn’t want this black stuff.”

“Nor I neither, my dear.”

“But what shall I do with it, mamma?”

“That I cannot tell.”

“But it will be of no use to me, mamma.”

“That I can’t help.”

“But I must pour it out, and fill the flower-pot with water.”

“That’s as you please, my dear.”

“Will you lend me a bowl to pour it into, mamma?”

“That was more than I promised you, my dear; but I will lend you a bowl.”

The bowl was produced, and Rosamond proceeded to empty the purple vase. But what was her surprise and disappointment, when it was entirely empty, to find that it was no longer a purple vase! It was a plain white glass jar, which had appeared to have that beautiful color merely from the liquor with which it had been filled.

Little Rosamond burst into tears.

“Why should you cry, my dear?” said her mother; “it will be of as much use to you now as ever for a flower-vase.”

“But it won’t look so pretty on the chimney-piece. I am sure, if I had known that it was not really purple, I should not have wished to have it so much.”

“But didn’t I tell you that you had not examined it, and that perhaps you would be disappointed?”

“And so I am disappointed indeed. I wish I had believed you beforehand. Now I had much rather have the shoes, for I shall not be able to walk all this month: even walking home that little way hurt me exceedingly. Mamma, I’ll give you the flower-pot back again, and that purple stuff and all, if you’ll only give me the shoes.”

“No, Rosamond, you must abide by your own choice; and now the best thing you can possibly do is to bear your disappointment with good-humor.”

“I will bear it as well as I can,” said Rosamond, wiping her eyes, and she began slowly and sorrowfully to fill the vase with flowers.

But Rosamond’s disappointment did not end here: many were the difficulties and distresses into which her imprudent choice brought her before the end of the month. Every day her shoes grew worse and worse, till at last she could neither run, dance, jump, nor walk in them. Whenever Rosamond was called to see anything, she was pulling up her shoes at the heels, and was sure to be too late. Whenever her mother was going out to walk, she could not take Rosamond with her, for Rosamond had no soles to

her shoes; and at length, on the very last day of the month, it happened that her father proposed to take her and her brother to a glass-house which she had long wished to see. She was very happy; but, when she was quite ready, had her hat and gloves on, and was making haste downstairs to her brother and father, who were waiting at the hall door for her, the shoe dropped off; she put it on again in a great hurry; but, as she was going across the hall, her father turned round.

“Why are you walking slipshod? no one must walk slipshod with me. Why, Rosamond,” said he, looking at her shoes with disgust, “I thought that you were always neat. Go, I cannot take you with me.”

Rosamond colored and retired. “Oh, mamma,” said she, as she took off her hat, “how I wish that I had chosen the shoes! they would have been of so much more use to me than that jar: however, I am sure – no, not quite sure – but I hope I shall be wiser another time.”

REFERÊNCIAS

EDGEWORTH, Maria. “The Purple Jar” In: *The long gaze back: an anthology of Irish women writers*. Ed. Sinéad Gleeson. Dublin, Ireland: New Island Books, 2015.

LORENSETTI, Natália Elisa.; NASCIMENTO, Cristiane Bezerra. “A jarra púrpura”. *Revista Qorpus*, v. 9, n. 2, 2019, p. 44-56.